

Olhares histórico-comparativos sobre dois institutos de pesquisa na Amazônia (Brasil e Colômbia)

A historical comparison between two research institutes in the Amazon (Brazil and Colombia)

Priscila Faulhaber¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é comparar duas unidades de pesquisa da Amazônia: Imani/Universidade Nacional da Colômbia e o Museu Paraense Emílio Goeldi. Enfatiza-se, na história desses dois institutos, sua significação como centros na história da ciência na Amazônia. Parte, em uma antropologia da política científica, de indagações sobre relações entre campo científico e tradução. A análise focaliza as relações entre projetos nacionais e intervenção regional, em uma discussão sobre as definições de “fronteira científica” e os limites da autonomia científica. Diferentes disciplinas da biologia ou das ciências humanas têm alcances variados no campo científico, ainda que sejam complementares nos programas de pesquisa sobre processos desenvolvimento sustentável ou de proteção indigenista. Ambos os institutos desenvolvem programas de pesquisa e pós-graduação em um sistema onde predominam relações verticais determinadas pelos centros científicos “estabelecidos”, apesar da concepção de simetria cara a uma concepção dinâmica de difusão e tradução científica. Este trabalho, portanto, sublinha a especificidade dos institutos amazônicos como um local da pesquisa científica profissional.

Palavras-chave: história das instituições, política científica, instituições fronteiriças, identidade regional, construção nacional, interdependência conflituosa.

Abstract: *The purpose of this paper is to compare two research units in the Amazon: the Imani /UNAL (Colombia) and the Emilio Goeldi Museum/MCT. The paper covers the history of these two institutes, emphasizing their significance as a center piece in the Amazonian history of science. The analysis focuses the relations between local national projects and regional intervention, within a debate*

¹Pesquisadora do Museu de Astronomia e Ciências Afins/MCT(RJ). Pesquisadora Associada do Museu Goeldi/MCT (PA). Email:priscila@mast.br

on the meanings of “scientific frontier” and the limits of autonomous science. Different strains of biology or human science have different importance within the scientific field. Despite being complementary in scientific research conducted by both institutions into sustainable development or protectionism of indigenous peoples. Both institutions developed research and post graduation, within a system where vertical relationships determined by the “established” scientific centers predominate, despite the conception of apparent symmetry of a dynamic conception of diffusion and scientific tradition. Thus, this paper focuses on specific Amazonian institutions as a place of scientific professional research.

Keywords: *History of institutions, scientific policy, boundary institutions, regional identity, nation building, conflictual interdependency.*

Introdução

Este trabalho parte de uma comparação entre duas unidades de pesquisa na Amazônia: O **Instituto Amazónico de Investigaciones Imani**² - Sede de Letícia da Universidade Nacional da Colômbia (Unal) e o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), atualmente um instituto de pesquisa do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT)/Brasil. As duas instituições têm um lastro de mais de cento e trinta anos de pesquisas científicas.

Desde a sua fundação, estes institutos estiveram relacionados com estratégias científicas associadas com projetos de construção nacional, constituídos com relação a projetos científicos da Europa e da América do Norte. Nestes institutos, hoje instrumentos de intervenção da política científica em relação à Amazônia brasileira e colombiana, desenvolvem-se pesquisas relacionadas com a etnologia, a biologia e o meio ambiente.

A institucionalização da pesquisa científica na Amazônia é, nos dias de hoje, assunto estratégico. O interesse na Amazônia por parte da política científica nacional leva a uma intervenção no sentido de fixar pesquisadores, colocando-os em contato direto com os processos identitários regionais e fronteiriços: Torna-se relevante o problema da “fronteira científica”, em termos da significação da Amazônia para os projetos científicos nacionais, a cooperação científica internacional, a relação entre

² O termo Imani quer dizer “rio profundo” na língua Uitoto. O termo é usado para designar o Rio Amazonas na Colômbia, que no Estado do Amazonas brasileiro recebe a designação de Solimões.

diferentes disciplinas científicas como as ciências humanas e biológicas e a especificidade da etnologia (Faulhaber, 2005).

Bruno Latour (1999) indica que antes de fazer “ciência política”, trata-se de traçar “políticas científicas”, ou seja, qualificar a “fecundidade relativa das experiências coletivas”. O trabalho aqui apresentado se resume, antes, em indagações dentro da “antropologia da política científica”, no sentido do exame das estratégias científicas de unidades de pesquisa na Amazônia.

Os paradigmas científicos redefinem-se de acordo com os projetos nacionais em que se inserem. A significação da Amazônia para a política científica nacional e internacional faz com que se criem condições de descentralização científica com linhas de financiamentos a projetos formulados nos institutos amazônicos, em colaboração com institutos de diferentes latitudes. No entanto, o *habitus* colonial muitas vezes irá impregnar os vínculos entre tais unidades de pesquisa.

Campo científico, significação da Amazônia e autonomia científica

Cabe pensar o problema da significação da Amazônia enquanto fronteira científica a partir da discussão sobre as relações entre campo intelectual, campo científico e estratégia científica, dentro de uma reflexão mais geral sobre as vinculações entre política científica e campo político (Faulhaber, 2001). No exemplo da Universidade da Colômbia e do Imani tratam-se de instituições científicas em um Estado nacional convulsionado pelo conflito armado e pelo terror, dirigido atualmente por um governo conservador. No Museu Emílio Goeldi, na Amazônia brasileira, apesar da imagem idílica de cordialidade que caracteriza a cultura nacional, também se convive no cotidiano de pesquisa com uma situação de violência, visto que no Estado do Pará, onde esta instituição está instalada, registram-se altos índices de criminalidade urbana e conflitos armados envolvendo a luta pela terra em áreas rurais.

Embora o conhecimento científico seja socialmente enraizado, possui por sua vez regras próprias, relativamente autônomas em relação ao meio social. Ainda que não se possa isolar de seu meio social, coloca-se como estratégica a constituição de um lugar para prática científica isenta e de um campo de análise consistente com a especificidade gnosiológica. Esta

estratégia de busca de um lugar também parece valer para outras unidades de pesquisa diferentes das instituições aqui focalizadas. Mas o que temos em mente neste trabalho é a delimitação de um campo de problemas, de métodos e de teorias consideradas cientificamente pertinentes para instituições científicas nacionais - da Colômbia (UNC) e do Brasil (MCT) - que dispõem de unidades de pesquisa em uma Amazônia globalizada.

O enfoque das instituições científicas leva à análise das redes de interdependências entre instituições. Tais interdependências são produzidas por uma dinâmica de trocas simbólicas entre pessoas que agem dentro de estabelecimentos específicos e necessitam recursos usados por outros que estão fora desses estabelecimentos. Sendo assim, os pesquisadores inserem-se em uma dinâmica de apropriações culturais. Tal dinâmica, apropriação e exclusão no chamado campo científico envolve a constituição de grupos de especialistas que manejam um fundo específico de “representações simbólicas” (Elias, 1982). Tal dinâmica é compreendida em diferentes escalas (regional, nacional e internacional).

No campo científico como no campo político, as reivindicações de legitimidade sustentam-se na força relativa dos grupos cujos interesses elas exprimem. A estrutura do campo científico é definida pelo estado da relação de forças entre agentes e instituições, que protagonizam determinada a luta pelo contrapeso da distribuição do capital específico que comanda as estratégias e as possibilidades objetivas. A posição que cada agente singular ocupa em um dado momento na estrutura do campo científico é objetivada nas instituições e incorporada nas disposições do conjunto de estratégias abertas a este agente a partir da posição por ele ocupada³. As transformações da estrutura do campo são o produto de estratégias de conservação ou subversão que encontram o princípio de sua orientação e de sua eficácia das propriedades da posição ocupada na estrutura por aqueles que acionam as referidas transformações (Bourdieu, 1976).

A luta pela legitimidade científica depende da estrutura de distribuição do capital (simbólico e político/econômico) de reconhecimento entre os participantes dessa luta. Nela se distinguem os agentes e instituições

³ As aspirações, ou melhor, as “ambições científicas” de cada instituição são constituídas de acordo com o seu capital de reconhecimento, mensurável em termos do tempo consagrado à pesquisa, o grau de risco assumido, a instituição de origem, a trajetória, a rede e o campo de relações em que se insere, o acesso editorial, os efeitos da produção, os títulos e distinções recebidos, e variáveis indicadores de produtividade.

“consolidados”, que dispõem de capital acumulado, e os agentes e instituições consideradas com não plenamente estabelecidos, ou “fronteiriços”. Estes possuem um capital importante; no entanto, ocupam posições de risco, uma vez que têm sua permanência no campo questionada, devem mobilizar todos os recursos a que têm acesso para garantir o seu lugar. E, sendo assim, são colocados sob “tutela”, uma vez que se encontram dependentes de apoio econômico e político até que possam ser considerados plenamente estabelecidos (Oliveira, 1991).

Cabe relativizar a oposição entre lugares “centrais” e “periféricos” (ou marginais), uma vez que as unidades de investigação da Amazônia são consideradas estratégicas pelos agentes e instituições dominantes, que também disputam sua permanência no campo científico. Sendo assim, caracterizarei a história do Imani e do Museu Goeldi como dois institutos regionais relacionados às políticas científicas nacionais da Colômbia e do Brasil, mostrando como as disciplinas científicas se constituem face à construção de “objetos fronteiriços”. Considero a especificidade das pesquisas da Amazônia com relação aos parâmetros de construção do compromisso profissional e a busca da autonomia, que é sempre relativa à medida que se insere da rede de interdependências que caracteriza o campo científico.

Procedimentos de pesquisa suscitados por estratégias de colaboração interinstitucional

O presente trabalho foi concebido a partir de uma sequência de passos visando estabelecer uma colaboração interinstitucional entre duas unidades de pesquisa que atuam na Amazônia: O Imani - Sede de Letícia da Universidade Nacional da Colômbia e o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), atualmente um instituto de pesquisa do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). O distanciamento teórico visa uma sistematização de informações que foram assimiladas a partir de um olhar antropológico qualitativo, “de dentro”, uma vez que trabalho no Museu Goeldi desde 1984 e realizei pesquisas no Imani de 1998 a 2002, tendo travado relações de afinidade profissional com pesquisadores de ambas as instituições, voltando meu instrumental de exame etnográfico que desenvolvi como antropóloga para a análise comparativa de instituições científicas nas quais participo.

Sendo assim, este trabalho é elaborado a partir de depoimentos, mas não se resume a estes, buscando ir além das categorias “nativas” através de formulações conceituais e analíticas para desvendar o que está por trás das intenções dos pesquisadores e gestores de ambas instituições, nas quais a minha própria prática profissional está inserida, sendo que todo saber científico se insere em um conjunto de redes entre pesquisadores e instituições.

A idéia de tal colaboração institucional foi apresentada pela primeira vez em uma reunião no Museu Nacional, realizada no dia seguinte ao encerramento do Encontro de Pesquisadores “Os Ticunas Hoje”, em maio de 1998, promovido pelo projeto “Universo Ticuna. Território, Saúde e Meio Ambiente” (PPD/FINEP/MCT). Este encontro visava promover a discussão entre os pesquisadores em Ciências Humanas, notadamente Antropologia, que se ocupam dos índios Ticuna. Nessa ocasião, foram propostos por Augusto Oyuela, pesquisador do Imani, acordos institucionais de seu instituto com o Museu Nacional e o Museu Goeldi, motivando a realização da reunião. Observou-se aí a necessidade de institucionalização dos vínculos horizontais entre os institutos de investigação amazônica, buscando um redirecionamento e redefinição de prioridades e orientações de pesquisa a partir de problemáticas diretamente observáveis.

A partir daí, definiram-se os objetivos de meu projeto de pesquisa intitulado “Uma etnografia da antropologia sobre a fronteira amazônica”, em termos de um diálogo com os pesquisadores do Imani e com os pesquisadores que se dedicam a estudos Ticuna, estabelecido em algumas viagens ao alto Solimões e Letícia. Na primeira (setembro de 1998), foi realizado um levantamento de dez dias ao Imani, paralela a uma pesquisa de mesma duração na área Ticuna Évare II, no Brasil. Na segunda (novembro de 1998), foram realizadas entrevistas durante quinze dias com pesquisadores do Imani, bem como levantamento na Biblioteca do Banco da República de Colômbia e um inquérito no *resguardo* Ticuna colombiano Nazaret. Esses levantamentos em campo foram complementados com entrevistas no Museu Nacional do Rio de Janeiro, no CEPPAC (Centro de estudos e Pesquisas da América Latina e Caribe) da Universidade Nacional de Brasília, no Encontro Internacional de Americanistas realizado em Varsóvia (julho de 2000), e em comunicações eletrônicas com pesquisadores afins. Entrevistas com o diretor do Imani, Carlos Zárate foram realizadas por ocasião de uma visita ao Museu Goeldi (22 e 23 de agosto de 2000). Havia

o interesse de viabilizar junto à direção do Museu (representada na época por Peter Toledo), um convênio entre o MCT e a Universidade Nacional da Colômbia, com aditivo para o Imani e o Museu Goeldi. Em fevereiro de 2002, ministrei um módulo em curso sobre mito e história coordenado pelo antropólogo Juan Álvaro Echeverri, durante minha estadia para pesquisa com os índios Ticuna do Brasil e da Colômbia.

Em março de 2009, retornando ao Imani, participamos de reunião na qual estiveram presentes o atual diretor do Imani, Dr. Carlos Zárate, o Dr. João Pacheco de Oliveira, do Museu Nacional, e professores da Universidade Estadual do Amazonas em Tefé e da Universidade Federal do Amazonas em Benjamin Constant. Concluímos que, a despeito de interesses comuns, muito pouco foi concretizado, desde 1998 em termos de uma colaboração inter-institucional efetiva Sul-Sul. A tentativa de convênio entre o Museu Goeldi e o Imani não chegou a se concretizar e o convênio do Imani com o Museu Nacional, embora firmado, não saiu do papel.

Este texto consiste em uma construção analítica de indagações das entrevistas qualitativas realizadas em 1998, atualizada com a leitura de relatórios e publicações do Imani e do Museu Goeldi. Este interesse orientou a construção da problemática, a partir da qual serão formuladas, ao final, algumas reflexões sobre as conexões e as redes em que as pesquisas do IMANI e do MPEG estão inseridas, procurando-se estabelecer uma comparação das estratégias de pesquisa em unidades de investigação científica que se ocupam da fronteira amazônica. Parto do menos conhecido, o Imani, para a seguir expor o exame da minha própria instituição.

Estratégias científicas da Universidade Nacional de Colômbia e da sua sede amazônica de Letícia

A Universidade Nacional de Colômbia, desde 1867 (data de sua fundação), apresentou-se estreitamente vinculada com o projeto nacional⁴. Nasceu como uma Universidade Nacional, Pública e do Estado, no

⁴ A República da Grã Colômbia, constituída entre 1818 e 1830, abrangia os seguintes países: Venezuela, Equador e Nova Granada. O Museu de Bogotá (construído em 1824), como o Museu de História Natural e a Escola de Mineração de Santa Fé, eram um locais identitários nacionais para toda a Grã-Colômbia. Depois da separação, passaram a servir apenas a Nova Granada (que englobava Colômbia e Equador) e posteriormente, unicamente à Colômbia (Lopes, 1998:121).

cenário do radicalismo liberal, dentro do qual se propunha a inspeção pública e vigilância estatal da instrução pública, dada a baixa qualidade científica e acadêmica das universidades já existentes. Suas raízes se encontram na Expedição Corográfica (1850-1859), dirigida pelo geógrafo engenheiro militar e explorador Augustin Codazzi (1793-1859), organizada como o objetivo de elaborar mapas para se construir uma visão do país, tendo em sua oitava viagem, navegado até os rios Caquetá e Putumayo, na Amazônia colombiana. Codazzi, em sua geografia política, trata, entre outros assuntos regionais, do Caquetá, na Amazônia, além de tocar em temas etnográficos sobre as tribos indígenas (Restrepo, 1984). A Comissão Corográfica foi formada no âmbito de um projeto de expansão e construção da identidade nacional. Integrada em 1950, essa Comissão teve papel fundamental para a constituição de um projeto científico nacional no país. Manuel Ancízar, um dos primeiros expedicionários envolveu-se com a fundação da Universidade Nacional, em 1887, e foi seu primeiro Reitor (informações pessoais de Camilo Dominguez, em entrevista de 22/11/ 1999).

Antes da Constituição de 1886, a Colômbia encontrava-se dividida em uma série de regiões isoladas entre si, tanto do ponto de vista de sua infra-estrutura viária, como de seus aspectos sociais, culturais e políticos. As regiões eram dominadas pelo dirigismo político e econômico local, sem conexão com o nível central. O sistema federal instaurado pela constituição de Rio Negro de 1863 não se referia à construção de um processo democrático, mas ao fortalecimento político e militar das elites locais, que exploravam a sociedade regional e seus recursos naturais.

A Universidade Nacional atuou, primeiramente, em sedes dos centros políticos de regiões poderosas do país, como Bogotá, Medellín, Manizales e Palmira. Recentemente, sobretudo a partir dos últimos dez anos, passou a desenvolver estratégias de descentralização, formando sedes de fronteira (Arauca, San Andrés e Letícia), como institutos de pesquisa e ensino com o objetivo de viabilizar a efetivação de um programa universitário em âmbito nacional, e autônomo em relação ao governo. O Imani, Instituto de Investigações Amazônicas desta Universidade, se soma às outras sedes.

A importância estratégica de Letícia se explica por ter se constituído como capital do *Departamento de Amazonas*, com a incorporação do Trapézio Amazônico, a partir do tratado com o Peru em 1930, após um

longo período de conflito da Colômbia com este país. No apogeu da exploração da borracha, registraram-se deslocamentos de populações, sem uma política definida de povoamento. Destacam-se as análises da tradicional atividade econômica do extrativismo da borracha com a exploração da mão de obra indígena, bem como os estudos emergentes sobre a economia de subsistência em outras atividades, como a quina, a pesca, a horticultura e fruticultura. Letícia caracteriza-se, apesar das atividades de sobrevivência da população urbana, em sua maioria indígenas, pela dependência em relação a Bogotá, e pelo interesse geopolítico em termos de integração de fronteiras, o que explica, em parte, a grande presença militar. Todo o processo de ocupação se consubstanciou, no entanto, através de políticas fragmentárias, que resultaram em superposições de territórios (por ex., de diferentes etnias indígenas).

A Estação de Letícia foi fundada em dezembro de 1989, inicialmente como um pequeno centro para o apoio à pesquisa, ensino e extensão universitária na Amazônia. Através da política de integração de fronteiras, em 1994 o Conselho Universitário converteu a Estação Científica na Quinta Sede da Universidade, fundando em 15 de março de 1995 o Imani, idealizado pelo geógrafo Camilo Domingues como Instituto Amazônico de Investigações, como primeira unidade acadêmica da Sede. Em 1998, o Sistema Nacional Colombiano de Ciência e Tecnologia, com base em uma cuidadosa avaliação de seu componente humano e acadêmico, bem como de sua infraestrutura física e sua produtividade científica, classificou o Imani na categoria A, junto com outros 22 de um total de 106 centros, além de 234 grupos de pesquisa apresentados ⁵

As medidas de implantação da sede de Letícia representaram disposições para a produção e sistematização do conhecimento sobre a região amazônica, face à sua importância estratégica em termos espaciais e ambientais. O Imani representa, assim, um instrumento relacionado aos objetivos derivados das políticas de consolidação do Estado nacional nas regiões de integração fronteiriça. Esta política se define a partir da promulgação da nova Constituição Política (1991) e da Lei de Fronteiras (lei 191 de 23 de junho de 1995), as quais prescrevem programas de cooperação e integração com países vizinhos. A implementação constitucional

⁵ Segundo relatório de Atividades de 2000 da Sede Letícia da Unal (p.6).

integra as políticas de descentralização envolvendo a educação e a política nacional de ciência e tecnologia, que visa o fortalecimento da investigação científica nacional para a preservação da diversidade cultural e biológica. Em tal política, estabelecem-se planos de desenvolvimento governamental que enfatizam a Amazônia e seus problemas ambientais, como a identificação de ecossistemas estratégicos e problemas associados à relação da sociedade com a natureza.

Essa política é formada por princípios que se referem ao reconhecimento histórico e geográfico da especificidade regional amazônica, a necessidade de redefinir os modelos de desenvolvimento sustentável, o impulso do reconhecimento e integração do saber tradicional e local e ao papel da Universidade Nacional da Colômbia no fortalecimento da governabilidade destas regiões. Desses princípios derivam compromissos que envolvem ações e estratégias que condicionam a Universidade, suas sedes e institutos a readequar seu acervo instrumental e cognitivo para “adaptar-se” às condições locais e regionais. As dinâmicas de pesquisa e ensino, por sua vez, passam por uma adequação às problemáticas amazônicas, bem como de criação de condições de acesso às comunidades locais do conhecimento que nasceu nelas mesmas, mas que por diversas circunstâncias a ele estão alheias.

O Imani articula-se também às redes nacionais e internacionais de conhecimento, aos sistemas de informação, assim como a consolidação da experiência acadêmica e à formação contínua de seus docentes. A partir de 2005 foi desenvolvido, em um consórcio entre a Unal/Imani e a Organização Holandesa para Cooperação Internacional em Pós-Graduação, o programa de cooperação com metas de fortalecer o diálogo de saberes e a gestão ambiental amazônica para o desenvolvimento sustentável. O consórcio envolve ainda as seguintes instituições: *Tropenbos Internacional* (organização não-governamental), Universidade de Amsterdam, Universidade Livre, Universidade de Tilburg e Universidade de Wageningen. Entre os objetivos do consórcio constam o fortalecimento da capacidade institucional da Sede de Letícia da Universidade Nacional da Colômbia, em suas atividades de formação, investigação e extensão, assim como sua capacidade de gestão. O propósito final deste projeto é elevar a qualidade da educação superior, tomando como base o fortalecimento da pesquisa e formar recursos humanos capazes de enfrentar os desafios sócio-ambientais, culturais econômicos da região. Com esses objetivos, o consórcio tem apoiado a publicação de bi-

bliografia especializada sobre a região e promovido a atualização científica do corpo docente, além de possibilitar o acesso a cursos de pós-graduação no exterior para os estudantes egressos da sede de Letícia.

As propostas e experiências destes últimos se adequam à identificação dos principais problemas da região. Os últimos anos representaram uma maior institucionalização e presença do Estado na Amazônia que, apesar de representar 33% do território colombiano, antes não se configurava como um problema para as políticas públicas colombianas. A partir dos anos 1980, a presença do Estado se fez notar no reconhecimento dos resguardos indígenas e “terras de pretos”, bem como da criação de parques nacionais naturais, integrados ao Ministério do Meio Ambiente⁶.

Os estudos amazônicos na Colômbia voltam-se predominantemente a pesquisas sobre territorialidade indígena, biodiversidade e conservação. Esses estudos são em sua maioria bastante pontuais e fragmentados, sem constituir um conjunto concatenado em termos de estratégias integradas de investigação, dentro de uma política científica estruturada. Com suas sedes de fronteira, a Universidade Nacional visa a consolidar sua vocação integradora e firmar presença em todo o território nacional, ao mesmo tempo em que assume responsabilidades diretas com cada região. Baseia-se em uma visão de soberania nacional e territorial, como de uma visão de país um tanto quanto utópica. Entre as dificuldades da sua concretização, destacam-se o centralismo e concomitante fragilidade do Estado na Colômbia, bem como a insuficiência de recursos para as atividades acadêmicas. A legitimação da ação formadora e transformadora da Universidade se faz mediante a “adaptação a espaços sócio-culturais, econômicos e ambientais” - como a floresta e as áreas distantes dos centros metropolitanos - “ainda concebidos por muitos como marginais e pouco ou nada familiares ao âmbito da vida acadêmica e universitária” (Zárate, i.p.). Não obstante, a Universidade apresenta um projeto de autonomia em relação ao campo político, na situação de conflito estrutural colombiano, em termos da definição de estratégias acadêmicas determinadas por interesses científicos.

⁶ Muitas destas reflexões se arremataram em palestra proferida dia 23 de agosto de 2000 no Departamento de Ciências Humanas do Museu Goeldi, Carlos Zárate, Diretor do Imani, na qual discorreu sobre o desenvolvimento das pesquisas na Amazônia colombiana pelo Imani, sobre a presença a Universidade nas últimas décadas, das perspectivas dos trabalhos interdisciplinares e das implicações do conflito armado que cronicamente se manifesta em diferentes regiões do país.

O Conselho Nacional de Pesquisa da Colômbia (Colciências) que se estrutura em termos de uma representação baseada em avaliações de alto mérito científico, contou apenas ocasionalmente com conselheiros do Imani, como Augusto Oyuela e Santiago Duque. Com a formação de comissões regionais de ciência e tecnologia, bem como de comissões departamentais, a partir de 1990, registra-se um movimento de descentralização do Colciências, dentro de um processo de descentralização do Estado, que busca viabilizá-la mediante a integração da indústria, dos setores produtivos e organizações não governamentais⁷. Esse processo apresenta incoerências e efeitos perversos nas áreas de fronteira, como o enfraquecimento das entidades territoriais face ao abuso de poder dos caciques locais, que repercute no âmbito científico, em termos da precariedade e dificuldade do desenvolvimento dos projetos.

O Museu Goeldi e os institutos do MCT

O Museu Paraense de Etnografia e História Natural foi fundado em 1866, antes da proclamação da República pelo naturalista mineiro Domingos Soares Ferreira Penna⁸. Republicano, Ferreira Pena atuava como naturalista do Museu Nacional e inicialmente o Museu Paraense era um órgão de caráter regional, vinculado a uma Associação Filomática que não dispunha de orçamento próprio e portanto muito dependente dos recursos do governo do Estado do Pará. O renomado zoólogo suíço Emílio Goeldi dirigiu o Museu Paraense durante o apogeu da economia da borracha (1894-1907), contratando cientistas estrangeiros e colocando a instituição no cenário in-

⁷ Entre as Organizações não Governamentais que atuam na área, destaca-se: Consolidação Amazônica (Coama), que recebeu o prêmio Nobel alternativo em 1999, com um milhão de dólares para programas de educação. A Coama consiste em um agrupamento de fundações que fazem pesquisas com recursos da Comunidade Européia. Entre elas a Fundação Gaia, que realiza cartografia social entre os indígenas, criticada por privilegiar a visão indigenista; a Fundação Tropenbos, que trata de projetos relacionados com os bosques tropicais, além das Fundações Hiléya e Posto Rastrojo. Com a nova Constituição, foram criados institutos mistos, como o Instituto Sinchi, um desdobramento da antiga Corporação de Araracuara que, após a fundação do Ministério do Meio Ambiente, passou a atuar através do Instituto de Estudos Ambientais (Ideam), que não é o mesmo que o Instituto de Estudos Ambientais da Universidade Nacional (Idean). O Instituto Sinchi atualmente é o responsável pela Agenda 21 na Colômbia.

⁸ Sanjad (2005) examina detalhadamente a história da fundação do Museu Paraense, do ponto de vista da relevância desta instituição para a história das ciências naturais.

ternacional. Naquele momento, museus de História Natural, nos quais a etnografia e a antropologia ocupavam posições, transformaram-se em pontos de nacionalização das culturas locais, dentro do chamado processo civilizador, no qual os povos nativos eram submetidos ao batismo científico. Despojados de seus artefatos, transfigurados pela cultura do exotismo, esses povos eram incluídos nas espécies a serem inventariadas (Lopes & Podgorny, 2000). Esses museus, não obstante, participavam dos processos de invenção das identidades nacionais, explorando territórios, conferindo valor a objetos colecionados e legitimidade a políticas territoriais. Celebrizou-se, por exemplo, a participação de Emílio Goeldi, diretor do Museu Paraense de Etnografia e História Natural, na comissão que determinou as fronteiras entre o Brasil e a Guiana Francesa, firmando “a estampa nacional em territórios anteriormente desconhecidos”, durante o apogeu da exploração da borracha (Lopes & Podgorny, 2000). Proclamada a República, o Brasil se relacionava, com outros Estados Nacionais apesar do processo em curso de colonização territorial, no qual a Amazônia era uma região entre outras diferentes regiões nacionais, cuja condição fronteiriça implicava seu esquadramento por práticas de colonialismo interno.

O Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) foi criado em 29 de outubro de 1952 e implantado em 27 de julho de 1954. Foi fundado como um braço amazônico do CNPq, como parte de estratégias de construção do Estado Nacional no Brasil, que implicaram um processo de nacionalização. Apresentou-se como uma instituição “pioneira” no sentido de tomar para si, do ponto de vista da política científica nacional, uma conjunção de projetos internacionais, estaduais e locais. Arthur Cezar Ferreira Reis, no seu relatório de 1956, define a Amazônia como “um mundo por descobrir e identificar”, “um espaço aberto à ousadia dos mais dispostos” (Ferreira Reis, 1956). Conferia-se assim à Amazônia brasileira o caráter de “fronteira científica”, ou seja, unidade sócio-territorial passível de incorporação em um projeto de Estado que a toma como desafio para o conhecimento. A esse caráter de fronteira científica se associava o caráter de “fronteira internacional”, uma vez que se apresentava como o denominador comum de diferentes projetos nacionais, bem como o caráter de “fronteira econômico-social” enquanto objeto de frentes de expansão e área a ser incorporada para propósitos nacionais, tais como desenvolvimento, integração e potência, esta última garantida sobretudo via expressão militar do poder nacional.

O Museu Goeldi foi até o ano 2000 um instituto de pesquisa do CNPq. Com a sua transferência para o MCT, estruturaram-se internamente ao MPEG três programas interdisciplinares de pesquisa sobre biodiversidade, manejo do meio ambiente e diversidade sócio-cultural. Coloca-se em questão a busca de alternativas à demanda exclusivamente técnico-científica, por laudos periciais, relatórios de impacto, avaliação de políticas públicas, ou outras demandas estritamente econômicas. Em 2009, o Museu Goeldi foi incluído no Centro de Pesquisas em Biodiversidade e Uso da Terra na Amazônia, um Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia desenvolvido no âmbito do Plano Nacional de Ciência e Tecnologia. Este Centro reúne os seguintes programas: Rede Geoma (Rede Temática em Modelagem Ambiental na Amazônia), Programa PPBIO (Programa de Pesquisa de Biodiversidade, do MCT do qual o MPEG é o coordenador para a Amazônia Oriental), bem como o Experimento LBA (Programa de Grande Escala da Biosfera - Atmosfera na Amazônia). Mantendo cooperação internacional com diversas instituições (Universidades de Cambridge, Lancaster, Queensland, American Museum of Natural History e Institut de Recherche pour le Developpement), congrega principalmente as áreas biológicas da instituição e tem como horizonte a atuação em áreas degradadas e atingidas por altos índices de desmatamento. A abordagem da ocupação humana visa a lidar com os problemas de conservação e degradação ambientais.

Os museus de maneira geral voltam-se às coleções como depositárias de artefatos naturais e sócio-culturais que despertam interesse público e mercadológico, envolvendo problemas relacionados ao patrimônio cultural, biológico ou genético. Com os editais de pesquisa baseados em critérios de mérito e produtividade, é possível dissociar a relevância científica das demandas econômicas e mercadológicas, no sentido de uma avaliação de prioridades a partir de uma perspectiva ética de pesquisa.

Verifica-se, no Brasil, um processo em curso de regionalização e estadualização das instituições científicas. Não cabe nos limites deste trabalho fazer um levantamento exaustivo de todas as instituições de ensino e pesquisa que têm sido implantadas na região. Com esse processo de regionalização, criam-se fundos de pesquisa voltados especificamente para os diferentes estados da Amazônia, tornando-se complementares aos editais nacionais lançados pelas agências nacionais de fomento que procuram resguardar recursos específicos para cada região e, em particular, para a Amazônia.

Restringimo-nos aqui nos institutos de pesquisa amazônicos do MCT. Este ministério passou a contar com mais um instituto amazônico com a criação, em maio de 1999, em Tefé, Amazonas, do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM) que tomou a forma de organização social. Sua fundação visou a consolidar e dar continuidade ao Projeto Mamirauá (PM) que representou um investimento deliberado na conjugação de trabalhos de extensão e formação de uma base científica sólida sobre os principais recursos econômicos do ecossistema na área focal do Projeto, na várzea do Médio Solimões, reconhecida pelo Decreto 12836 de 9 de março de 1990 (Sociedade Civil Mamirauá/CNPq/IPAAM, 1996). O PM foi estruturado inicialmente no “Programa do CNPq de Pesquisas Ecológicas de Longa Duração, que consiste em apoiar pesquisa básica em ecossistemas representativos por períodos extensos, acumulando dados para futura comparação”⁹

O IDSM considera a relevância do conhecimento local sobre os recursos naturais como a pesca, exploração de madeira, caça e outros produtos, conhecimentos empregados nas relações sócio-econômicas da subsistência da população rural. Embora este não seja o único critério de avaliação da qualidade acadêmica, o conhecimento local é considerado como um aspecto indispensável da geração de conhecimento científico aplicado ao manejo das espécies e à reprodução social, que é construído pelas interseções do campo científico e do campo socioambiental (Moura, 2007).

Construção da região e intervenção na comparação de institutos amazônicos

A construção da região como objeto de análise e de intervenção para políticas nacionais e internacionais se insere na discussão sobre conhecimento e fronteira. Como artefato de intervenção, a região é hoje produto de representações sobre a natureza e a ocupação humana, ao mesmo tempo concreta e abstrata, específica e geral, arbitrária e contingente. Dentro de toda uma topologia social, a região abrange sub-regiões, construídas conforme agrupamentos sócio-culturais (índios, ribeirinhos, pretos, colonos) ou tipologias naturais e ambientais (províncias pesqueiras, minerais ou agriculturáveis) que caracterizam limites

⁹ Conforme relatório de 1996 da (Sociedade Civil Mamirauá/CNPq/IPAAM (pág. 3).

intra-regionais. Lugares com disposição similar de elementos e relações semelhantes entre si são aproximáveis umas às outras, enquanto lugares com relações ou elementos diferentes são agrupados separadamente. As heterogeneidades regionais criam fronteiras internas, sociais, resultantes do confronto entre mundos sociais divergentes.

No Brasil, desde meados do século XX, com a fundação do Inpa, tem-se olhado para a Amazônia de um ponto de vista desenvolvimentista, sendo que as políticas de preservação foram uma resposta a demandas sócio-ambientais relativamente recentes, nas duas últimas décadas do século XX. Na Colômbia, as políticas atuais com relação à Amazônia são também recentes, mais no sentido da preservação ambiental, verificando-se uma quase ausência de projetos desenvolvimentistas para a região. Daí decorre que proporcionalmente verifica-se apenas 39,6% da Amazônia brasileira sob proteção na forma de terras indígenas e unidades de conservação de vários tipos, contra 56% da Amazônia colombiana, conforme mapa produzido pela Raisg (Rede Amazônica de Informação Socioambiental Georreferenciada) mapa que localiza áreas protegidas e territórios indígenas dos nove países amazônicos¹⁰.

A pesquisa científica se depara nos institutos amazônicos com problemas relacionados à exploração/aproveitamento de recursos em função de objetivos econômicos de Estado, o que implica a definição de fronteiras superpostas. Como ocorre com a identificação concomitante de terras indígenas, de unidades de preservação ambiental e de áreas de aproveitamento de recursos pesqueiros e madeireiros. Os institutos de pesquisa na Amazônia são unidades de intervenção que dispõem sobre a região, entendida como lugar de territorialização de políticas científicas, que interferem na organização institucional e repercutem na correlação entre as disciplinas científicas

As disciplinas

A comparação de instituições científicas como o Museu Goeldi e o Imani passa por uma análise de como as disciplinas são estruturadas de acordo com a demanda científica e em termos dos problemas postos pelo

¹⁰ Este mapa pode ser consultado eletronicamente em www.raisg.socioambiental.org

desenvolvimento. Verifica-se a distinção entre as metodologias das ciências biológicas e ciências humanas. Em programas mais voltados à análise da biodiversidade, prevalecem as ciências biológicas e, em programas sobre a diversidade sócio-cultural, as ciências humanas. A interdisciplinaridade é uma estratégia central quando se trata de projetos de manejo agrícola, pesqueiro ou florestal, quando a validade do conhecimento das populações não pode deixar de ser considerada. Nos próximos parágrafos serão expostas informações gerais sobre a organização institucional do Museu Goeldi e do Imani, no ponto de vista da estruturação disciplinar¹¹.

O Museu Goeldi é estruturado em quatro coordenações (departamentos de pesquisa), no qual são desenvolvidas linhas definidas de acordo com as prioridades de cada área, articulando pesquisa, sendo a pós-graduação ministrada em convênio com a Universidade Federal do Pará e a Universidade Federal Rural da Amazônia:

- **Botânica:** realiza pesquisas sobre a flora amazônica, visando à obtenção de subsídios para seu conhecimento e aproveitamento, seja preconizando a conservação de ecossistemas, seja auxiliando a comunidade na solução de problemas afetos à área e de interesse para a economia da região. Atua nas áreas de taxonomia e biosistemática, etnobotânica e botânica econômica, anatomia de madeira e de órgãos vegetativos e em estudos de biodiversidade, estrutura e dinâmica da floresta amazônica. Essas linhas mantêm diversas coleções, como o Herbário João Murça Pires, criado por Jacques Huber em 1895, que possui mais de 150.000 exsiccatas (plantas secas). Existem, ainda, as coleções de sementes, frutos, madeiras, pólen e cortes histológicos, com milhares de amostras.
- **Ciências da Terra:** desenvolve pesquisas relacionadas à evolução dos ecossistemas amazônicos. As linhas de pesquisa são relacionadas à paleontologia e paleo-ecologia em regiões tropicais, sedimentologia e estratigrafia, evolução de ecossistemas costeiros amazônicos, geologia do quaternário, bio-geoquímica, geo-arqueologia, pedologia e solos degradados. As pesquisas são de cunho predominantemente multidisciplinar, enfocando os processos de interação existentes entre os componentes bióticos e abióticos

¹¹ Consultar as páginas de acesso eletrônico às informações de ambas instituições: para o Museu Goeldi, <http://www.museu-goeldi.br>, e, para o Imani, <http://www.unal.edu.co/Imani>

através do tempo geológico na Amazônia. O acervo paleontológico da instituição conta com mais de 6.000 espécimes e o mineralógico, mais de 1.000 amostras.

- **Zoologia:** executa estudos que objetivam, além do inventário da fauna amazônica, a análise de sua distribuição geográfica, comportamento, relação com o ambiente e relação de parentesco entre as espécies, visando uma melhor compreensão da região amazônica e dando subsídios à elaboração de planos de conservação do meio ambiente e manejo de fauna. Nos laboratórios de mastozoologia, ornitologia, herpetologia, ictiologia e entomologia são estudados macacos, morcegos, roedores, aves, lagartos, cobras, anfíbios, peixes, crustáceos e diversos insetos. O acervo zoológico do Museu Goeldi é formado por coleções de vertebrados (incluindo exemplares em álcool), peles, esqueletos, ninhos, ovos e coleções menores de peças anatômicas, totalizando aproximadamente 150.000 espécimes, e coleções de invertebrados, com cerca de 1.070.000 exemplares, principalmente insetos, artrópodos e moluscos.
- **Ciências Humanas:** desenvolve estudos arqueológicos, antropológicos e linguísticos, que visam à ampliação dos conhecimentos sobre populações contemporâneas e pré-históricas da Amazônia. Em antropologia são desenvolvidas pesquisas sobre História e Antropologia do Conhecimento sobre a Amazônia, bem como sobre diferentes sociedades amazônicas. As coleções etnográficas e arqueológicas revelam a riqueza da experiência humana na Amazônia, tanto no passado quanto no presente. A coleção arqueológica reúne mais de 81.000 peças e fragmentos de cerâmica, artefatos líticos e outras evidências coletadas em vários sítios arqueológicos da região. O acervo etnográfico tem cerca de 14.000 peças, de diferentes origens geográficas (Brasil, África, Peru e Suriname) e constituição material que abrange todas as categorias artesanais. As maiores coleções referentes às culturas indígenas representam, na sua maioria, o resultado das pesquisas de campo de antropólogos do Museu ou que pela instituição passaram. A área de linguística dedica-se a descrever e analisar línguas indígenas. Os pesquisadores se envolvem com projetos de alfabetização e produção de material didático, promovendo ações de salvamento, considerando o perigo de extinção de línguas indígenas.

Já o Imani encontra-se estruturado em quatro linhas de pesquisa, a saber:

- **Ecossistemas, biodiversidade e conservação:** inclui estudos em processos ecológicos dos diferentes ambientes inseridos no ecossistema amazônico. Conta com dois laboratórios de pesquisa em limnologia, ecologia de sementes e extratos vegetais, além de um viveiro. Estes temas são desenvolvidos por dois grupos de trabalho: Limnologia Amazônica e Ecologia de Ecossistemas Terrestres Tropicais.
- **História e Culturas Amazônicas:** são desenvolvidos enfoques etnográficos, socioeconômicos e ambientais, para a abordagem dos processos de povoamento, a relação das populações humanas com o meio envolvente, as dinâmicas de configuração regional e sua relação com os contextos nacionais e globais ou os fenômenos de criação e transformação dos espaços fronteiriços. A linha privilegia a compreensão das concepções dos atores locais em temas como a reconstrução social e simbólica das sociedades amazônicas, o território, a noção de pessoa, a história local e regional e as redes sociais de interação. Estes temas são desenvolvidos em dois grupos de trabalho: povos e ambientes amazônicos e Etnologia e Lingüística amazônica.
- **Desenvolvimento regional na Amazônia:** abriga a discussão e reflexão acadêmica sobre os problemas associados ao desenvolvimento e sua incidência nos processos sociais, econômicos, culturais, ambientais e políticos da Amazônia contemporânea. Cobre uma ampla gama de campos de investigação, de disciplinas e de aproximações, tanto metodológicas como teóricas, entre as quais se destacam: teoria do desenvolvimento, processos de ocupação territorial contemporâneo, estudos de fronteira.
- **Educação, Pedagogia e Gênero na Amazônia:** criada em 2008, foi recentemente reconhecida pelo Colciências e ainda está em fase de implantação.

Comparações

Levantando alguns pontos para comparação entre o Imani e o Museu Goeldi, nota-se que o último tem uma estrutura departamental

que organiza as informações sobre as coleções que têm sido formadas desde os primeiros tempos da instituição, compartimentalizada de acordo com o enfoque disciplinar. As pesquisas da área biológica são dirigidas mais especificamente à sistematização taxonômica de espécies botânicas, zoológicas e minerais, enquanto os problemas sócio-culturais ficam a cargo das disciplinas da área de ciências humanas. Na área biológica muitas vezes evita-se considerar a ocupação humana, mesmo porque as etapas burocráticas para a obtenção de autorização para pesquisa “com humanos” dificultam o desenvolvimento das pesquisas e criam inadequações entre os cronogramas de liberação de recursos e a organização das atividades de pesquisa. No entanto, nos últimos anos as políticas de pesquisa têm incentivado programas interdisciplinares, o que tem acarretado a organização de programas transdepartamentais.

Por sua vez, as pesquisas no Imani recebem uma organização mais integrada no sentido de estruturar os pesquisadores da instituição em linhas interdisciplinares. No entanto, também se verifica uma compartimentalização semelhante ao MPEG. A abordagem na linha de pesquisa sobre ecossistemas, biodiversidade e conservação tem caráter mais biológico, enquanto na linha “História e Culturas Amazônicas” se concentra mais nas humanidades. Os estudos propriamente interdisciplinares se circunscrevem à linha desenvolvimento regional na Amazônia, que abriga proporcionalmente pesquisas das áreas biológicas e humanas.

No Imani, implantado a partir de um projeto de descentralização universitária e de perspectiva de institucionalização da vida pública, coloca-se como questão a substituição de cultivos, como forma de possibilitar a melhoria da qualidade de vida regional. Trata-se, assim, de saber se as populações transformariam seus hábitos tradicionais com a adoção de novos cultivos - o arroz e o feijão, por exemplo, em sua rotina de subsistência. Associada a estas questões está uma situação de “eterno conflito” entre guerrilheiros, narcotraficantes, paramilitares e o governo, que gera confrontos armados, os quais têm por consequência o desmatamento e a fragmentação das sociedades indígenas¹².

¹² Segundo afirmação do Diretor do Imani, Carlos Zárate, depoimento compulsado em matéria intitulada “Cresce tensão na Amazônia Colombiana. Crise econômica e guerrilha são os principais problemas da região”, em Diário do Pará, 24 de agosto de 2000, pág.6.

Trazendo a discussão para a pós-graduação, a mesma no Brasil encontra-se estruturada há mais tempo que na Colômbia. Só recentemente no Imani tem-se pensado sistematicamente em um programa de doutorado¹³, o que já se encontra implementado no convênio do Museu Goeldi com a UFPA, em diversas áreas, desde a última década do século XX, o que tem conduzido a uma maior consolidação da produção científica e dos canais de divulgação editorial no país. O intercâmbio mediante convênios permite que professores, pesquisadores e pós-graduados passem a ter acesso ao fluxo de publicações produzidas em todas as latitudes, permitindo que paradigmas exógenos sejam filtrados dentro de teorias adequadas às realidades observadas. A vinculação dos centros de pós-graduação às políticas públicas passou a condicionar o incentivo de estudos sobre política indigenista, contato interétnico e temas considerados estratégicos para o desenvolvimento científico e tecnológico, como o é hoje a temática das fronteiras.

A partir de 2001 enfatizou-se mais a vocação universitária da Sede de Letícia, atendendo à demanda de uma maior presença da UNC na vida pública, e uma maior definição de vínculos com as outras instituições que atuam em Letícia. Se considerarmos o ensino universitário, e mesmo o de segundo grau, na Colômbia verifica-se grande rigor de um público consumidor de produção científica, dentro de um sistema ortodoxo de ensino no qual a pós-graduação constitui antes um instrumento de incremento científico que de formação profissional. Deve-se também considerar que quando os antropólogos não são “visitantes”, mas cidadãos em sociedades convulsionadas pela violência, cuja cultura do medo e do terror leva à busca de um lugar tranquilo, o pesquisador é impelido a “trabalhar em casa”. Com os altos índices de violência do Brasil essa situação também passa a ser uma verdade, embora a cultura brasileira valorize sobretudo a “vida na rua”, com todos os riscos que isso implica.

No caso dos dois institutos de pesquisa da Amazônia abordados por este trabalho, tem sido relevante construir problemas relacionados com o “desenvolvimento sustentável”, bem como a criação de unidades de conservação, tomadas na presente reflexão como artefatos sociais. Nos dois institutos são desenvolvidas pesquisas sobre preservação ambiental, outras intervenções em áreas degradadas, política indigenista.

¹³ Segundo consta no relatório de gestão de 2007-2008 da Sede Amazônia da Universidade Nacional de Colômbia, pág.8.

No Brasil estudos etnológicos fornecem subsídios para identificação e demarcação de áreas indígenas, e antropólogos atuam em equipes técnicas da Funai. Essas práticas de intervenção não se restringem à proteção indigenista e à preservação ambiental, mas também são enfocadas em estudos de natureza reflexiva, inseridos em linhas de interesse constituídas a partir de problemáticas comuns. No Museu Goeldi, a definição de linhas de pesquisa departamentais ou interdepartamentais está integrada à preocupação com a formação, análise e conservação de coleções, documentação e consolidação da biblioteca, e com a difusão e a editoração científica. Essas linhas de pesquisa não podem ser definidas estritamente em termos de determinações econômicas, nem o valor científico pode ser aferido segundo critérios de lucratividade imediata, ou conforme a demanda da mídia. Tanto a inovação científica e tecnológica em projetos piloto, quanto a tradição científica operacionalizada na edificação de projetos relevantes para a situação atual são faces dinâmicas e contraditórias do que já se fez e do que se faz na prática da ciência.

A comparação de Latour (1989), entre o “modelo de difusão” e o “modelo de tradução” é interessante para indicar os problemas respectivos sobre a forma de conceber os projetos de desenvolvimento sustentável¹⁴. Dentro de uma perspectiva de cristalização da ciência baseada em um modelo de difusão, os problemas sociais aparecem como causa das investigações sociológicas e a defesa da ecologia como causa das investigações em ciências naturais. As explicações dentro dos enfoques destas disciplinas se apresentam assimétricos. No modelo de tradução, pelo contrário, estes enfoques seriam simétricos em relação às suas explicações, visto que uma “ciência em ação” da sociedade tem por consequência “estados do coletivo” em transformação. Em contrapartida, uma “ciência em ação” da natureza tem por resultado “estados das coisas” em permanente transformação, conforme as “regras de método”,

¹⁴ Seguindo formulações de Latour, o exame da “ciência em ação” irá mostrar como a ciência opera dentro de uma rede de comprometimentos que se compõem e recompõem. O autor utiliza a palavra “tradução” para descrever esta recomposição de interesses, dentro de uma “translação” tão completa que “rende” a todas as outras investidas de tradução, alcançando assim um tipo de “hegemonia” (Latour, 1989: 189/193). Segundo este autor, a “ciência em ação” observa como a ação dos pesquisadores acarreta a construção social de fatos e artefatos.

propostas por Bruno Latour¹⁵. Dentro do modelo de tradução, não se trata de partir de uma dicotomia entre as duas esferas de conhecimento, mas de uma síntese dinâmica, baseada na tradução em uma relação de “realimentação” entre as disciplinas.

Os estudos tradicionais, de caráter acadêmico e museológico convencionais seguem pautados na compartimentalização disciplinar, condicionada, muitas vezes à disputa por recursos. As ciências humanas tomam objetos que envolvem a crítica social e mostram-se inadequadas a políticas que envolvam um retorno econômico imediato, enquanto as disciplinas da área biológica, que têm um retorno econômico mais palpável, consideram problemático considerar os problemas sociais. Mesmo não se levando em consideração a disputa por recursos, todavia, torna-se difícil compatibilizar linguagens de disciplinas que se constituíram com abordagens próprias, em universos excludentes em relação a outras disciplinas. No entanto, quando existem demandas por parte das políticas públicas, de programas de desenvolvimento, que abrem linhas de financiamento específicas, incentiva-se que, no processo de produção de conhecimentos dialogados, se rompam tais barreiras, construindo a realimentação interdisciplinar.

As diretrizes de financiamento são estabelecidas em um esquema vertical que expressa a regulação das controvérsias, com estratégias de aliança entre “consolidados” e “fronteiriços”, inscrevendo-se deste modo entre redes sociais e institucionais. Neste campo de envolvimento, observam-se relações de simetria e assimetria, um movimento em que os pontos fracos se tornam fortes e os fortes se tornam fracos, em que tais inversões possibilitam desencontros e reencontros. O *habitus* colonial, no entanto, leva à repetição de práticas coloniais (Kuper, 1996), como a busca da originalidade alhures, o culto ao exótico e as dificuldades de comparação entre povos que vivem em situação muito semelhante. A construção da hegemonia implica a legitimação de práticas de sujeição/dominação que levam a

¹⁵ Na sua segunda “regra de método”, exposta em seu livro *A ciência em ação* (1988) Latour toma a regulação das controvérsias na prática científica como causa das representações da natureza, e não o contrário, invertendo a proposição que busca em um determinado estado de natureza as causas da controvérsia científica. Levando adiante este raciocínio, formula sua terceira “regra de método”, na qual afirma que, como a regulação de uma controvérsia é a causa de uma representação estável da sociedade, não se deve partir da explicação do porque e do como se resolveu uma controvérsia a partir do “estado de sociedade” (Latour, 1988: 426).

caracterizar os institutos “fronteiriços” como institutos “tutelados”, uma vez que estes institutos encontram-se dependentes da tutela econômica e política e de definição de diretrizes formuladas por atores que pertencem a “centros consolidados”.

Conclusão

Olhando-se comparativamente para as pesquisas brasileiras e colombianas, nota-se que, em ambos os países, grande parte as pesquisas são norteadas por demandas externas. É ponto pacífico, no campo científico, que na Amazônia são encontradas valiosas fontes para a pesquisa científica. Nem sempre, contudo, os resultados produzidos em instituições fronteiriças são reconhecidos como universalmente válidos. Ademais, a demanda internacional para os pesquisadores desses países é basicamente a coleta de informações originais, re-editando-se nos dias atuais, a tradicional dicotomia entre “coletores” e “produtores” de ciência. Os autores “nativos” latino-americanos são considerados, sobretudo, fontes de informação - cujas pertinências teóricas são muitas vezes depreciadas - para as grandes sínteses produzidas nos países do “primeiro mundo”. Em grande parte esta dicotomia é também reproduzida internamente ao Brasil e à Colômbia, cujos campos científicos também apresentam diferenciação regional entre Sul/Sudeste *versus* Norte/Nordeste no Brasil, e Bogotá/Antióquia *versus* “províncias” na Colômbia.

Levando a comparação para um plano institucional, e retomando a discussão a partir de Bourdieu e Latour, verifica-se que existe uma realimentação entre “centros consolidados” e “centros fronteiriços”, pois uns não podem produzir independentemente dos outros. Esta oposição entre “consolidados” e “fronteiriços” parece mais adequada que as “dominantes” e “dominados ou entre “fortes” e “fracos”. Os “dominantes” podem depender dos “dominados” e o fortes podem ter pontos fracos e vice-e-versa. As relações de competição entre centros de uma mesma região, cidade ou universidade, leva a relativizar também a dicotomia entre “centrais” e “periféricos”, sendo preferível reter a polarização entre “consolidados” e “fronteiriços”, que se situam em lugares “estratégicos”. O afastamento de determinado agente desses lugares “estratégicos”, mesmo que caracterizáveis como “não consolidados”, pode ser fatal para a continuidade de seu

projeto criador, uma vez que perderá o contato com os agentes e instituições dominantes, mesmo que sediado em um lugar “central”.

A verticalidade das relações Norte/Sul condiciona as escolhas e as trajetórias dos representantes do campo intelectual nas universidades nacionais do último, configurando suas redes em termos de conjunções de interesses. A ciência se faz em um jogo de espelhos entre a demanda dos campos políticos locais e as determinações definidas a partir de instituições universitárias relacionadas diretamente com os centros de decisão política e econômica. As tentativas de articular os pesquisadores em redes muitas vezes se frustram quando a disputa por posições no campo de conflito pelo capital simbólico determina que a relação entre instituições apareça como relação entre indivíduos e a relação entre indivíduos pareça uma relação entre instituições, sendo necessário avaliar as trajetórias e as escolhas pessoais e institucionais, as relações entre as potencialidades individuais e a força de pressão institucional, com base no capital simbólico acumulado e com base nas políticas científicas.

Para finalizar, cabe perguntar: como desenvolver pesquisas sobre a fronteira amazônica em um espaço institucional específico, se o terreno comunicativo no qual se formulam os projetos está impregnado pela tutela das agências financiadoras, as quais, por reconhecerem que esta região apresenta interesses estratégicos, oferecem fundos de pesquisa dirigida, de acordo com políticas mais globais?

É uma questão que se coloca para o Imani, e também para o Museu Goeldi.

Referências bibliográficas

- Bourdieu P. Campo intelectual e projeto criador. In: Poullon J *et al* (orgs) *Problemas do Estruturalismo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976, pp.105-146.
- Elias N. Scientific Establishments. In: Elias N, Martins H & Whitley R (eds) *Scientific Establishments and Hierarchies*. Dordrecht, Boston and London, D. Reidel Publishing Company, 1982, pp. 3-70.
- Faulhaber P. No aniversário do Museu Goeldi. *Jornal da Ciência*, São Paulo, SBPC, 1999, ano XIV n° 423: 12.
- _____. Introdução. In: Faulhaber P & Toledo PM (eds) *Conhecimento e Fronteira. História da Ciência na Amazônia*. Belém, Museu Goeldi, 2001.

- _____ A história dos institutos de pesquisa na Amazônia. *Estudos Avançados*, São Paulo, 2005; 19(54): 241-258.
- Ferraz Bezerra MG. O impacto da Política de C&T do Brasil no desempenho de um instituto de pesquisa básica na Amazônia: O caso do Museu Paraense Emílio Goeldi. *Dissertação de Mestrado*. Belém, UFPA/ Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1999.
- Kuper A. *Anthropology and Anthropologists. The Modern British School*. London and New York, Routledge, 1996, 3ª edição.
- Hoyos NE. *Propuesta para la creación de um sistema de estímulos a los investigadores de Colombia*. Asociación Colombiana para el Avance de la Ciencia, Bogotá, 1990.
- Latour B. *La Science en action*. Paris, La Découverte, 1989.
- _____ *Politiques de la nature. Comment faire entre les sciences en démocratie*. Paris, Gallimard/ La Découverte, 1999.
- Lopes MM. A formação dos Museus Nacionais e a América Latina Independente. *Anais do Museu Histórico Nacional*, 1998; 30:121-143.
- Lopes MM & Podgorny I. The Shaping of Latin American Museums of Natural History, 1850-1990. *Osiris*, 2000; 15: 108-118.
- Moura EAF. **Práticas socioambientais na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá Estado do Amazonas, Brasil**. *Tese (Doutorado)*, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido PDTU, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.
- Oliveira JP. A Pesquisa Tutelada. *Ciência Hoje. Especial Amazônia*. Rio de Janeiro, SBPC, 1991:13.
- _____ Uma trajetória em antropologia (depoimento). O ofício do etnógrafo e a responsabilidade social do cientista. In: Oliveira, J.P. (org) *Ensaio em Antropologia Histórica*, 1999, pp. 211-263.
- Reichel E. Cognopiratería y tráfico del conocimiento. In: Useche Losada M. *Ciencias Sociales em la Amazonia Colombiana. Guerra, etnicidade y conocimiento*. Bogotá, Comisión Regional de Ciencia y Tecnología de la Amazonia/Sinchi/Colciencias, 1999, pp.143-202.
- Reis ACF. “O Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Origens, objetivos e funcionamento. Sua contribuição para o desenvolvimento científico da Amazônia”. Relatório INPA. Manaus, AM 1956

Restrepo O. La Comisión Corográfica y las Ciencias Sociales. In: Arocha J & Friedmann N (org) *Un Siglo de Investigación Social. Antropología en Colombia*. Bogotá, Presencia, 1984, pp. 131- 158.

Sanjad N. A Coruja de Minerva: O Museu Paraense entre o Império e a República. 1866-1907. *Tese de Doutorado*. Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz, 2007.

